pensamentos design

O design como objeto de memória: o gaveteiro que não nos deixa abandonar nossas memórias

Design as an object of memory: the chest of drawers that doesn't let us abandon our memories

Adriana Nely Dornas Moura
Marcelina das Graças de Almeida

> O armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta. Sem esses "objetos" e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria um modelo de intimidade. (BACHELARD, 2008, p. 91)

Resumo: A proposta da comunicação é apresentar uma reflexão sobre a memória e design tomando como referência um dos objetos confeccionado pelo grupo holandês Droog Design que desde a década de 1990 se insere no mercado do design internacional com propostas inovadoras e questionadoras. Para ilustrar a conexão e debate teórico destaca-se o designer Tejo Remy e o gaveteiro por ele projetado. Para construção do texto foi elaborada pesquisa bibliográfica em documentos escritos e digitais, bem como pesquisa em material audiovisual que permitisse a compreensão do processo e projeto em destaque. O fulcro do texto é apresentar a criação deste objeto de design do cotidiano que se aproxima da plástica e da linguagem articulando os conceitos de memória e design.

Palavras-chave: Design; Memória; Gaveteiro; Droog Design; Tejo Remy.

Abstract: *The purpose of the communication is to present a reflection about memory and design, taking as a reference one of the projects made by the Dutch group Droog Design, that since the 1990's has been part of the international design market with innovative and questioning proposals. To illustrate the connection and theoretical discuss, the designer Tejo Remy and the chest of drawers he designed stand out. For the construction of the text, a bibliographical research was carried out in written and digital documents, as well as a research in audiovisual material that would allow the understanding of the process and project in focus. The focus of the text is to present the creation of this everyday design object that approaches the plastic and language articulating the concepts of memory and design.*

Keywords: *Design, Memory; Chest of Drawers; Droog Design; Tejo Remy.*

Introdução

Num cenário de vanguarda o design encontra-se em constante ampliação de suas fronteiras e numa análise retrospectiva o grupo holandês Droog Design, fundado pelo designer de produto Gijs Bakker[1] e pela historiadora do design Renny Ramakers[2] despontou na década de 1990. Droog, traduzido do holandês, significa "seco", nome que, por si só, aponta para sua própria essência. Assim, segundo a curadora de arquitetura e design do Moma de Nova York, Paola Antonelli, o Droog Design surgiu num momento "[...] em que ninguém no mundo material parecia mais tolerar redundâncias" (ANTONELLI, 1998, p. 15).

Ramakers ao visitar a exposição *Meubel sculptuur* (Escultura de Móveis), em janeiro de 1992, na cidade holandesa Nijmegen, conheceu o gaveteiro concebido por Tejo Remy (1960-), além de outros objetos, tais como o guarda-roupa de tecido e uma estante de papel, de Jürgen Bey (1965-) e Jan Konings (1966-), e, ainda, o armário de madeira reaproveitada de Piet Hein Eek (1967-). Todos eles, designers, de origem holandesa. A partir daí Ramakers organizou uma série de exibições itinerantes pelas cidades holandesas, inclusive uma pequena exposição organizada no subsolo do Paradiso, um bar da cena *underground* local que aconteceu em fevereiro de 1993 em Amsterdam (QUINDERÉ, 2011).

Neste contexto em abril do mesmo ano, o Droog Design apresentou seu trabalho no Salão Internacional de Milão, com uma seleção de peças de quatorze jovens designers holandeses. Imediatamente, o trabalho do coletivo foi reconhecido como algo original e inovador. Suas características seguiam uma combinação até então inesperada com objetos divertidos, jocosos, que fazem rir e tornam a rotina mais divertida. Em entrevista, Ramakers declarou: "mostramos que a sobriedade não precisa ser tediosa" (SUBMARINE, 2012, tradução nossa). A mensagem do grupo era reluzente desde o início:

> Droog surgiu com a proposta de uma nova abordagem, associada à mistura de materiais e a interação com os produtos, estimulando a criatividade na representação de artefatos familiares, porém de uma maneira reutilizável. O objetivo era instigar o usuário, de maneira bem-humorada, a repensar o uso dos objetos, considerando que os produtos nunca estarão acabados. Todos eles têm uma memória, uma história que pode ser acrescentada e continuada (RODRIGUES; CRESTO, 2009, p. 91).

1 Gijs Bakker iniciou a carreira como designer de joias e lecionou em diversas escolas de design na Holanda como o Instituto de Artes de Arnhem (Art EZ), Universidade de Tecnologia de Delft e a Academia de Design Eindhoven onde, desde 2000, está à frente do programa de pós-graduação. Fundou a Chi Ha Paura em 1996 e é o Diretor de Criação do coletivo Han Gallery (2009) onde pesquisa a relação entre artesanato e design em Taiwan.

2 Renny Ramakers, curadora e crítica de design, promove festivais interativos que estabelecem novas colaborações e experiências inspiradas nos locais onde tais eventos ocorrem. "Seu objetivo é oferecer conteúdo de alto nível combinado a perspectivas inesperadas de forma interdisciplinar e realista" (RENNYMAKERS.COM). Está à frente da UP - empresa colaborativa que trabalha em modelo cooperativo com outras empresas a fim de reduzir o desperdício utilizando materiais excedentes para criar novos bens materiais de forma inventiva. Continua à frente da Direção Criativa do Droog Design.

A receptividade ao coletivo foi tão impactante que, durante muitos anos, o Droog tornou-se sinônimo do design holandês e ao longo dos anos: "o Droog Design se transformou lentamente numa empresa". A fala de Gijs Bakker (1942) foi realizada numa palestra na Escola de Arte e Design da Universidade do Michigan, nos Estados Unidos, em 2007[3].

As diferentes abordagens apresentadas pelo grupo no cenário do design mundial, fez com que o mesmo fosse reconhecido por incorporar uma linguagem própria, com experimentos lúdicos e grande carga artística. Como afirma Peruzzo[4], os designers do grupo *Droog Design*: "[...] queriam chacoalhar os conceitos, técnicas e formas aplicados até então à concepção e produção de artigos para as casas" (PERUZZO, 2014, p. 01). Eles tinham como premissas principais: maior liberdade de criação para o designer, a indeterminação da forma dos objetos utilitários e a ruptura de valores do design tradicional.

Dos conceitos seguidos pelo Droog os mais recorrentes referem-se ao reuso de matérias-primas, ao reaproveitamento de objetos já existentes, a aparência acidental do objeto e ao desenvolvimento sustentável. Um exemplo da aplicação desta filosofia é o projeto experimental *Saved by Droog*, explicado por Ramakers:

> [...] compramos lotes inteiros em leilões de objetos que não são vendidos, tornam-se obsoletos e os oferecemos aos nossos designers para que eles desenvolvam novos produtos a partir destes estoques mortos. Isso não se refere apenas à sustentabilidade, mas a pura criatividade (SUBMARINE, 2012, tradução nossa).

Exatamente a partir dessa fala anterior de Ramakers pode-se abstrair, no tocante a relação da aparência acidental ou a estética do acaso, e pode-se entender que essa casualidade pode ser vinculada ao trabalho experimental dos designers e de como a questão do acaso se relaciona com a ideia do improviso, e isso está presente no gaveteiro C*hest of Drawers*.

Chest of Drawers: nem tudo é o que parece

Para refletirmos sobre os sentidos, significados e percepções que se constroem a partir das propostas do coletivo, daremos destaque, de modo especial ao designer Tejo Remy e o gaveteiro por ele projetado.

Antes de descrever a peça no mercado, vamos situar o contexto anterior, quando Tejo Remy ainda era um estudante. Este gaveteiro é parte do seu projeto de graduação realizado em 1991, para se formar pela Academia de Artes de Utrecht. Como projeto final ele apresentou uma poltrona de trapos, uma luminária suspensa de garrafas de leite, uma mesa sustentada por três tocos de madeira e o gaveteiro. O conceito era criar um "paraíso pessoal" com o mínimo de recursos possíveis e como referência o designer tomou a personagem de Robinson Crusoé[5], isolado em uma ilha, depois de ser o único sobrevivente de um naufrágio. A personagem tem que conviver com as demandas de sobrevivência e construir um novo "lar", utilizando objetos retirados do navio naufragado e das coisas encontradas na ilha.

---

3 Bakker, Gijs (2007). Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=PxEDrzwxQZc.

4 Disponível em: http://topview.com.br/materia/diretamente-dos-paises-baixos/.

5 Robinson Crusoé é um romance de 1719, escrito pelo inglês Daniel Defoe (1660-1731).

A necessidade de utilizar o improviso para construir novos objetos serve como justificativa do processo de construção dos objetos de Remy e que reforça a estética do acaso e do improviso (QUINDERÉ, 2011).

Uma das peças mais emblemáticas de todo o conceito defendido pelo grupo de designers é, então, a *Chest of Drawers* (1991), projetada por Remy. É importante destacar aqui que a tradução literal de *Chest of Drawers* é cômoda. No entanto, vamos nos referir a ela como: gaveteiro por considerar mais apropriado, até porque ele é um móvel feito de gavetas. A peça esteve na primeira exibição do Droog Design em Milão em 1993 e hoje integra o acervo permanente de vários museus, tais como: Museu de Arte Moderna (MoMa), Museu de Artes e Design, ambos em Nova York, Stedelijk Museum em Amsterdã, Museu Boymans van Beuningen em Rotterdam, entre outros.

Figura 1: Variações de Montagem do Gaveteiro de Tejo Remy.
Edição assinada de número 45 do gaveteiro
Edição assinada de número 95 do gaveteiro
Fonte: https://www.brooklynmuseum.org e https://www.1stdibs.com/

A peça é o resultado de um trabalho de pesquisa sobre design e memória, em que Remy relaciona situações, objetos e lugares na casa, isso inclui a questão da percepção do espaço, pois, é no espaço em que vivemos e as coisas que nos cercam, que nossas lembranças se constituem e reaparecem, podendo ampliar nossos laços afetivos. O gaveteiro tem um sugestivo subtítulo: "você não pode abandonar suas memórias" ou outras vezes ele é apresentado também com o subtítulo de: "Não deixe suas memórias escaparem". O gaveteiro é a junção desordenada de vinte gavetas retangulares de vários tamanhos e cores agrupadas aleatoriamente que ganham molduras em madeira, que passam a constituir uma nova unidade. São com essas molduras de madeira que as envolve, que se estabelece uma conexão entre as gavetas coletadas e a composição da peça. As gavetas estão atadas por uma tira de tecido, uma cinta utilizada em transporte de mobiliário, com fecho em metal.

A solução formal do gaveteiro apresenta uma singularidade e uma aparente fragilidade que se traduz na volumetria, que à primeira vista parece ser desarmoniosa. Não tem forma fixa e rompe com a forma reconhecida de uma cômoda tradicional, em que as gavetas são empilhadas uma em cima da outra. Desse modo, a indeterminação de sua forma não é definida apenas pela reutilização das gavetas, mas, sobretudo a liberdade de montar, dispor e combinar as gavetas à vontade. As gavetas são de madeiras, metais, plástico, papel, têxteis, dentre outros e mesmo que receba a nova moldura de madeira as gavetas coletadas não ganham nenhum tipo de tratamento.

O gaveteiro tem dimensão aproximada de 152,4 x 152,4 x 76,2 cm, pois a possibilidade infinita de construção e disposição da peça nos impede de dar uma medida exata. Ramakers, analisa esta peça no showroom do *Droog*:

> *Chest of Drawers* [...] nos traz um discurso de várias formas: primeiro, mostra como compramos e produzimos demais; segundo: ao empilhar e amarrar as gavetas de forma desordenada e com improviso, a peça nos prova que o design não precisa ser difícil, designers se acham muito importantes e pensam que podem projetar apenas coisas finas, não precisa ser bem assim (SUBMARINE, 2012, tradução nossa).

Foram executadas 200 (duzentas) peças desde sua criação e cada exemplar é concebido, disposto e ordenado por Tejo Remy, e com essa atitude cada peça é única, é numerada e é assinada pelo designer. O objeto destacado pela assinatura do designer o torna único para quem o adquire, e esse mesmo objeto conquista uma perspectiva de autoexpressão e que evidenciam e fortalecem laços afetivos por meio dessa possibilidade de se personificar, individualizar e distinguir o seu gaveteiro com seus pertences pessoais e de acordo com a vontade do usuário. Essa atitude reforça a ideia de que os objetos levam a nossa marca, organizam nossas lembranças e memórias pessoais. A seguir pode-se visualizar em detalhe a possibilidade de personificação do gaveteiro, com a assinatura de Tejo Remy e o carimbo da marca Droog. Nesse exemplar apresenta-se o aproveitamento da máquina de escrever *Valentine* na cor branca de 1969 dos designers Ettore Sottsass (1917-2007) e Perry A. King (s.d.), ambos designers da Olivetti.

Figura 2: Detalhes do gaveteiro. Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=S98PwK-ZaLM e https://www.youtube.com/watch?v=At6FQS-O5F8

Pode-se constatar que a maioria dos produtos do grupo Droog Design tem um reconhecimento na área cultural, suas peças aparecem principalmente em revistas de arte e as galerias e os museus são compradores de suas peças. Em 1994 uma destas peças foi adquirida pelo Museu Boijmans Van Beuningen, em Roterdã, na Holanda e no mesmo ano a peça foi incluída no *International Design Yearbook*, compilado pelo designer israelense Ron Arad (1951-). No texto explicativo do catálogo Arad descreve os conceitos explorados pelos designers Tejo Remy, Jurgen Bey, Jan Konings e Marcel Wanders (1963-), designers que se tornariam os nomes mais significativos da marca Droog Design, sendo assim descritos:

> [...] são designers de móveis que também queriam ser 'doadores de significados'. Suas peças de mobiliário não são apenas uma cadeira, mesa ou armário. São ideias e experiências concebidas que refletem o ambiente cotidiano e a própria arte do mobiliário. Não muito depois disso essa tendência ficou conhecida como 'design conceitual', ou seja, a ideia por trás disso era mais importante do que o design (THOMAS, 2008, p. 222, tradução nossa).

Para além da "doação de significados" que relata Mienke Thomas a essa peça de Tejo Remy, em particular pode-se evidenciar a fala de Benjamin (2012) que explica, que nós perdemos a capacidade de compreender a linguagem dos objetos e segundo esse mesmo autor, essa linguagem é muda, é mágica e nos mostra um indício de um tempo. Tempo ameaçado pelo esquecimento e pelas memórias inventadas. O que se pode verificar nessa peça é um momento no tempo, que não podemos falar nem de presente, nem de passado, nem de futuro, ou ainda, vai de encontro ao que Ricouer (2007) diz: recordar e esquecer são operações que não devem ser percebidas em oposição, pois com essa peça podemos trabalhar e explorar os conceitos-chave que se relacionam ao estudo da memória na contemporaneidade, tais como: história e memória; lembrança; memória material etc.

Assim a resposta dada pelo designer tanto formal quanto funcional desse "caos organizado" nos permite pensar numa representação que se potencializa numa experiência que reflete a importância do papel da memória no ato do projeto de design. Ricouer (2007) ainda complementa que o sentido da distância temporal e do afastamento, é marcado na nossa língua portuguesa pelos advérbios de tempo como: "antes" e "depois", "ontem" e amanhã", entre outros. Assim, a metáfora estabelecida entre as gavetas e nossas lembranças está diretamente relacionada ao título da peça: "Você Não Pode Abandonar Suas Memórias", pois, as gavetas guardam nossas lembranças pessoais representadas por objetos, fotografias, e outras coisas mais. Guardamos coisas e/ou lembranças, muitas vezes esquecidas, que constituem nossa memória, e as organizamos como desejamos. Como ressalta Quinderé:

> A abordagem de Remy sobre a metáfora entre gavetas, armários e lembranças é literal porque a forma do seu gaveteiro tenta reproduzir o que está guardado dentro das gavetas, a ordem interior que, como bem diz Bachelard, "não é simplesmente geométrica", tal qual o desenho do móvel. Essa ordem interna é constituída pela "história da família", por nossas memórias (QUINDERÉ, 2011, p. 129).

Desta maneira é permitido especular que a peça criada por Remy, na qual se estabelece uma relação direta entre o processo de construção e retenção das lembranças, usando a metáfora das gavetas, reforçam que a configuração amorfa, na qual gavetas se sobrepõem e se complementam, ainda que de forma desconexa, se apresenta da mesma maneira que, se organizam nossas lembranças em nosso universo de memórias e rememorações (QUINDERÉ, 2011). Nessa abordagem formal que não segue os preceitos da produção industrial, escolhida por Remy, que parece apenas uma mistura de gavetas novas e usadas, reside o enigma que a memória deixa como herança à história: "o passado está, por assim dizer, presente na imagem como signo" (QUINDERÉ, 2011, p. 132).

Nessa perspectiva, as gavetas podem ser entendidas como repositório das lembranças, funcionando como representações de memórias sejam individuais ou coletivas, pois se referem ao modo como guardamos e acessamos as lembranças que integram a nossa vida. Ademais, pode-se entender também o gaveteiro, como um suporte material da memória e para reforçar essa metáfora, apresentamos uma expressão cunhada pela filósofa Marilena Chauí (1983) ao redigir a apresentação do livro de autoria de Ecléa Bosi que é um estudo sobre as lembranças e memórias construídas por idosas e idosos. Sob o ponto de vista de Chauí (1983, p. 20): "[...] lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição". E nesse sentido, memória, é trabalho.

Todas as vezes que recordamos, que buscamos nossas lembranças para construir uma experiência vivida, estamos operando, trabalhando, refazendo. E para lembrarmos é necessário que tenhamos os suportes, os guardiões da memória, que podem ser as pessoas, como as idosas e idosos, e, em nosso caso, a partir do ponto que estamos, é possível enxergar no gaveteiro este suporte para guardar recordações que em outros momentos serão acessadas.

Assim o gaveteiro assinado por Remy nos possibilita refletir sobre os sentidos e significados da memória e são as lembranças o substrato da memória, ou seja, nossos pensamentos e sentimentos compartilhados, em momentos distintos de nossas vidas, se constituem o amalgama das nossas memórias. Todas nossas lembranças têm relação com os pensamentos e com o sentimento que compartilhamos. E estas múltiplas e difusas recordações são guardadas em nosso inconsciente, igualmente, de forma difusa e desordenada, ou quem sabe, sob uma ordem da qual não temos controle. E assim, estas ideias abstratas se cristalizam e são representadas nesse projeto instigante que, aqui, denominamos gaveteiro (QUINDERÉ, 2011).

Giovanni Starace (2015, p. 9) ao estudar sobre a relação dos objetos, das emoções e da memória afirma que: "Cada um de nós pode ser reconhecido nos muitos objetos que possui, nos quais podem ser rastreados os sedimentos psíquicos da própria história pessoal". Ou seja, cada um de nós cria nossas gavetas, nossos quadros, nossas molduras e nelas registramos e guardamos nossas experiências vividas. Algumas desejamos sempre trazer de volta, outras preferimos que sejam sedimentadas nos cantos mais escuros e empoeirados, que é aquilo que denominamos como esquecimento.

Estas conexões podem ser percebidas na composição do gaveteiro pois, o aparente amontoado de gavetas desconexas, múltiplas e diversas, na verdade, configuram um modelo possível para que possamos vislumbrar o que é o universo complexo do mundo das lembranças e do processo como construímos nossas memórias. Cabe aqui destacar a reflexão do mencionado Starace ao considerar que:

> A história das pessoas sobre sua relação com os objetos tem as mesmas características, tanto que eles ou são escolhidos como representantes de outros eventos, assumindo a importância e o significado daquilo que é diferente de si mesmo, ou são entendidos como mera matéria. Em ambos os casos, não têm vida própria porque, no primeiro caso, enquanto representantes, tiram a sua razão de ser daquilo que estão destinados a contar, e, no segundo caso, a sua realidade se esgota na matéria de que são feitos. Ambas as posturas dão a impressão de querer distanciar o objeto, quase como as se defender dele. Tanto a ênfase da função ideacional e mental como a consagração do materialismo aparecem como uma reação assustada diante de um mundo que poderia ser dotado de vida própria. (STARACE, 2015, p. 2).

E é assim que podemos compreender a ideia, por trás do projeto executado pelo designer Remy e a *Chest of Drawers.* É um esforço de se tornar visível e concreta a experiência visual daquilo que seja a memória. Nessa abordagem formal as gavetas que guardam nossas lembranças e memórias, representam a memória individual e coletiva, que se constitui pelos testemunhos, lembranças, lugares, palavras, imaginação, emoção e esquecimentos. Muitas vezes guardamos coisas para lembrar, mas também, guardamos para esquecer, pois estão conservadas, mas não são consultadas e a metáfora da memória como sendo um conjunto de gavetas que podem ser abertas e fechadas todas as vezes que assim o desejarmos é o que se ressalta no artefato idealizado pelo designer.

Metodologia

Para atender ao objetivo do estudo e para a construção do texto foi elaborada pesquisa bibliográfica em documentos escritos e digitais, bem como pesquisa em sites de museus e galerias, tendo em vista que o foco da pesquisa é um objeto de design. Para complementar as informações, elegeu-se os sites do designer Tejo Remy, do Droog Design e eventos pontuais e significativos que têm relação ao tema estudado. Desse modo, procurou-se investigar em detalhe a natureza do gaveteiro *Chest of Drawers*, bem como verificar em que medida o conceito de design e memória se aplicam na prática desse objeto do design contemporâneo internacional. A título de aprofundamento, essa investigação se apoiou nos estudos críticos sobre a obra desse designer, bem como pesquisas teóricas sobre o tema, optou-se pela realização dessa análise documental na qual se leva em consideração o contexto histórico e cultural.

Considerações finais

A concepção imagética do gaveteiro se aproxima, igualmente, das ideias defendidas pelo historiador Jacques Le Goff (1990, p. 423) ao redigir um verbete conceituando o termo memória, no qual ele entende que a memória é a nossa capacidade de guardar, conservar e "[...] atualizar nossas impressões passadas", ou seja, a configuração do gaveteiro *Chest of Drawers* nos possibilita visualizar por meio das gavetas os receptáculos das lembranças e das memórias.

E é assim que entendemos a relevância de se refletir sobre o design e a memória, e como podem se relacionar e propor questões significativas sobre a vida social e as relações construídas entre as pessoas e seus objetos em seu cotidiano. Pensar a memória a partir das concepções do grupo holandês Droog Design foi uma destas possibilidades. Pois, analisar as propostas desse grupo, que vão muito além do consumo, do luxo e do hedonismo, nos mostrou como podemos propor reflexões sobre a função e a construção de discursos que podem ajudar na evocação da memória que trazem lembranças de nossas vivências.

Nosso objetivo de apresentar o gaveteiro planejado por Tejo Remy desde sua concepção como peça única, nos possibilitou compreender como a reunião de gavetas diversas, múltiplas, desorganizadas, mas organizadas dentro da lógica difusa e amorfa, permite que sejam construídos estudos sobre as lembranças, os suportes e as memórias. E como podemos realizar vínculos entre o design e a memória, que nos levam a pensar como essa questão fomenta a ideia de apresentar ações do design como metáforas.

Referências

ANTONELLI, Paola. **Nothing cooler than dry**. *In*: RAMAKERS, R; BAKKER, G. (Org.). Droog Design: spirit of the Nineties. Roterdã: 010 Publishers, 1998. p. 12-13.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CHAUI, Marilena. **Apresentação**. *In*.: BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

QUINDERÉ, Natália. **Projeto e acaso: do objeto único ao multiplicado**. 2011. 169 f. Dissertação (Mestrado em Artes e Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, Érica Aldebarã Gonçalves; CRESTO, Lindsay Jemima. **O reuso e as novas abordagens do design no Droog Design e no trabalho dos Irmãos Campana**. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM DESIGN, 5, 2009, Bauru. Anais... Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2009. p. 401-413.

STARACE, Giovanni. O**s objetos e a vida: Reflexões sobre as posses, as emoções, a memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

THOMAS, Mienke. **Dutch design: a history**. London: Reaktion books, 2008.

Sobre as autoras

Adriana Nely Dornas Moura é pós-doutoranda em Design e Doutora em Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/2019) com área de concentração em Cultura, Gestão e Processos em Design. Mestre em Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/2011) com área de concentração Design, Inovação e Sustentabilidade na Linha de Pesquisa Cultura e Sociedade. Especialista em Metodologia do Ensino de Projetos pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG/1994). Interessa-se tanto pela prática, quanto os aspectos teóricos do Design, da Cultura, da Comunicação e da Arte. Atualmente propõe, como enfoque de pesquisa, uma reflexão sobre design contemporâneo brasileiro e internacional, permeando a arte, a moda, a arquitetura e o design. Tem Experiência na área de design, design-arte, design contemporâneo brasileiro e internacional, design colecionável, design e moda, com ênfase em curadoria e teoria crítica do design.
E-mail: adrianadornasmoura@gmail.com.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/6225262377240482
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3810-983X

Marcelina das Graças de Almeida é graduada em História (1988/1989), Mestre em História (1993) e Doutora em História (2007) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Possui experiência em administração e docência superior em instituições de ensino superior e fundamental. Docente nos cursos de graduação e pós-graduação da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. Coordenadora do ASI - Arquivo de Som e Imagem, situado no Centro de Estudos em Design da Imagem da Escola de Design, UEMG.
E-mail: marcelina.almeida@uemg.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/6813138729924319
Orcid: https://orcid.org/ 0000-0001-5174-0103

Recebido em: 20 de fevereiro de 2022
Aprovado em: 31 de março de 2022
Publicado em: 30 de junho de 2022